



- 18 parques detalhados
- Mais de 200 atrações
- Cultura regional
- Roteiros nos arredores
- Animais e plantas
- Geografia e história
- Mapa completo



PARQUES ESTADUAIS DE MINAS GERAIS

BRASIL



Sumário

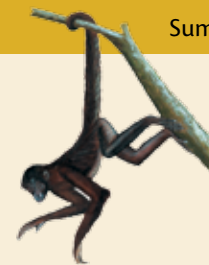
EDITORIAL	8
APRESENTAÇÃO MPMG	10
APRESENTAÇÃO IEF	12
COMO USAR ESSE GUIA	14
COMO TUDO COMEÇOU	16
CATEGORIAS DE CONSERVAÇÃO	20
PARQUES NACIONAIS	24
BIOMAS E BIODIVERSIDADE	28
SERVIÇOS AMBIENTAIS	36
MUDANÇAS CLIMÁTICAS	38
PREVENÇÃO DE INCÊNDIOS	40
COMPENSAÇÃO AMBIENTAL	42
ROTA DAS GRUTAS PETER LUND	44
COMO SE PREPARAR	48

PARQUES ESTADUAIS

BIRIBIRI	54
IBITIPOCA	66
ITACOLOMI	78
LAPA GRANDE	90
MATA DO LIMOEIRO	100
NOVA BADEN	114
PAU FURADO	124
PICO DO ITAMBÉ	134
RIO DOCE	144
RIO PRETO	156
SERRA DAS ARARAS	168
SERRA DO BRIGADEIRO	178
SERRA DO INTENDENTE	190
SERRA DO ROLA-MOÇA	200
SERRA VERDE	210
SUMIDOURO	220

MONUMENTOS NATURAIS

GRUTA REI DO MATO	234
PETER LUND	244
LISTA DAS UCS ESTADUAIS	254
AGRADECIMENTOS	256



Como usar este guia

Este guia vai possibilitar seu acesso às atrações naturais e culturais de parques estaduais de Minas Gerais e dos seus arredores. Para ajudá-lo a planejar sua viagem, o guia oferece informações úteis e detalhadas, desde como chegar em cada local, as principais atrações, melhor época do ano para conhecer, horário de funcionamento e a história da região.



Roteiros

Texto com os principais destaques da fauna e flora, do relevo e do clima.

História

Descreve a história da região e do parque, seus primeiros ocupantes, como e porque foi criado e quais os fatos atuais que merecem destaque no local.

Ficha Técnica

Data de criação. Área total em km². Distância aproximada em km de cidades mais importantes. Telefone principal e e-mail de contato para checar detalhes antes de partir.



Box

Algum assunto interessante da região que mereça destaque: cultura, história, fauna e flora.



É possível acompanhar a atualização e obter novas informações através do site: www.edhorizonte.com/parquesmg

As seções do guia têm sua cor própria, identificada pela tarja superior.



Atrações e Arredores

Principais atrações dos parques e monumentos. A distância é em relação à portaria ou a outro ponto mencionado. O tempo é o necessário para ida e volta; uma estimativa média que varia de acordo com a idade e a aptidão física de cada um.

Mapa

Mapa da localização da unidade de conservação, com relevo, rios e biomas. Veja a versão ampliada no início do guia.



Para saber mais

Livros e sites com mais informações sobre os parques, a cultura e a história local.



Para visitar

Endereço: dados de contato da sede do parque.
Como chegar: acesso mais fácil. Mas ligue antes; as estradas podem ficar intransitáveis em certas épocas do ano.
Infraestrutura: facilidades, ambulatório, alojamento, local para acampamento, lanchonetes, banheiros, Centro de Visitantes etc.

Dicas

Indica a melhor época para visitar, se há necessidade de contratação de guias, de reserva prévia para acesso a atrativos como grutas e trilhas, o que se deve levar.

Informa endereços úteis, serviços de apoio, restrições quanto a faixas etárias e mobilidade. Sempre é aconselhável ligar para a sede do parque antes de viajar.

Como tudo começou

A natureza sempre foi vista como fonte de riqueza e de sobrevivência para o ser humano. Desde a Antiguidade, diversos povos isolavam áreas naturais para protegê-las por motivos culturais, ambientais, religiosos ou políticos. Os assírios estabeleceram áreas de reserva pouco antes do nascimento de Cristo, enquanto na Europa medieval a palavra parque significava um lugar delimitado onde viviam animais sob a proteção do rei.

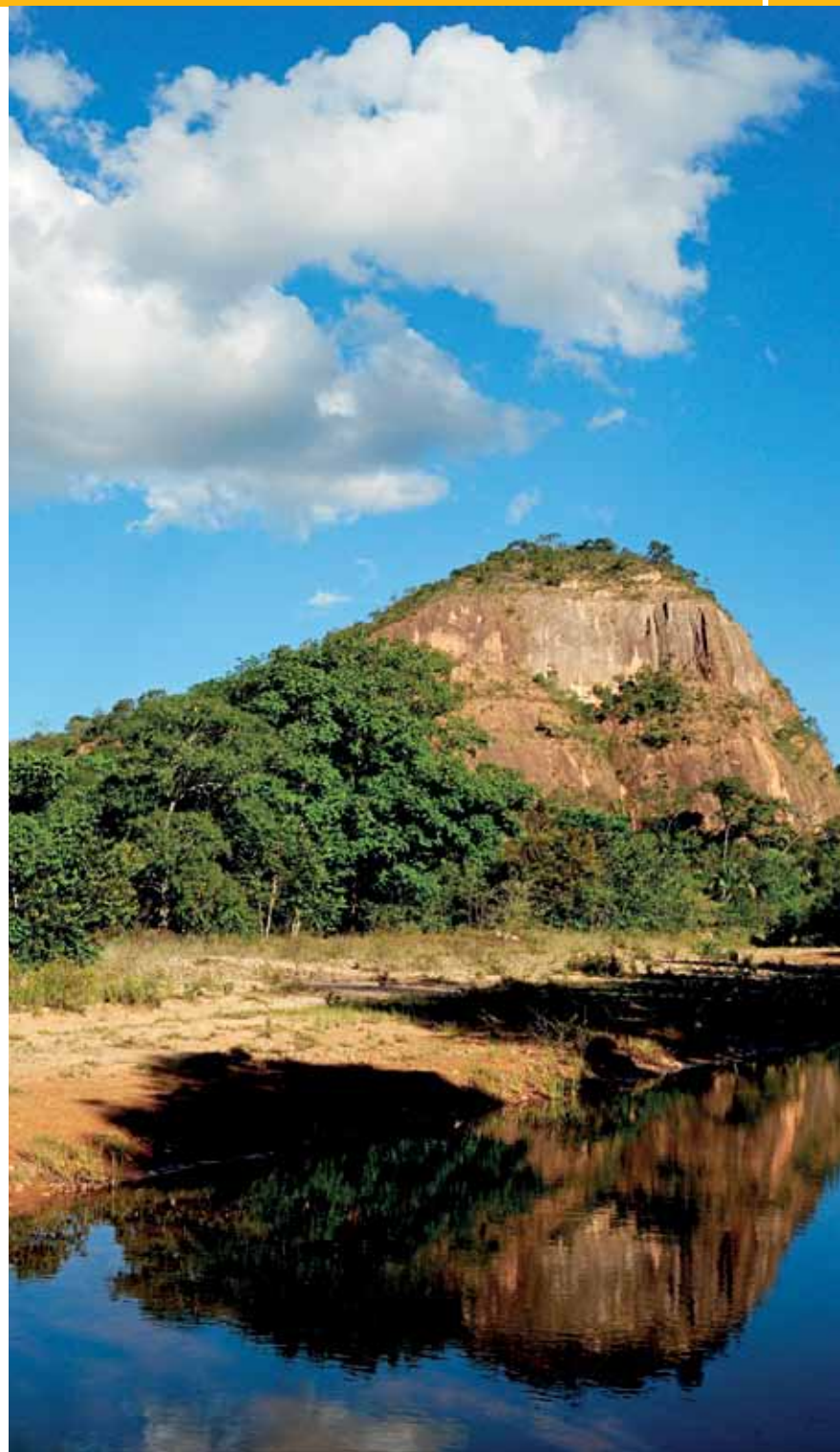
O modelo que conhecemos hoje de áreas naturais protegidas remonta ao século XIX e surgiu e se institucionalizou nos Estados Unidos. Com a expansão agrícola e urbana sobre as áreas naturais,

veio a necessidade de proteger determinadas regiões e, em 1872, foi criada a primeira área protegida norte-americana, o Parque Nacional de Yellowstone. Hoje, o sistema de parques dos Estados Unidos é uma referência para o mundo; em 2013, eles receberam 273,6 milhões de visitantes de diversos países, que renderam US\$ 26,5 bilhões aos cofres públicos.

O primeiro parque criado no Brasil foi o Parque Nacional do Itatiaia, em junho de 1937, pelo presidente Getúlio Vargas. A proposta partiu do botânico sueco Albert Löfgren, que, radicado no Brasil, militou sobre a importância de haver áreas preservadas para a pesquisa científica



Espécies silvestres como o sagui encontram proteção em várias reservas mineiras





Parque Estadual Serra do Papagaio, ao amanhecer

e também para oferecer lazer à população. Dois anos depois, foi criado o Parque Nacional do Iguaçu, no Paraná. A diversidade biológica, somada à paisagem de rara beleza das cataratas do Iguaçu, fez dele a primeira unidade de conservação do país a ser declarada Sítio do Patrimônio Mundial Natural pela Unesco, em 1986. Hoje, é o parque brasileiro que mais recebe visitantes: são cerca de 1,5 milhão ao ano, que geram R\$ 17 milhões.

A partir de Itatiaia e Iguaçu, outras unidades surgiram com o objetivo de preservar a fauna e a flora nativas (sobretudo as espécies ameaçadas de extinção), as formações geológicas, os recursos hídricos

(rios, cachoeiras e nascentes) e para conservar valores arqueológicos, históricos e culturais. Promover pesquisas científicas e estudos, o turismo ecológico e a educação também viraram objetivos no manejo das novas áreas protegidas.

FORMAS DE PROTEÇÃO

Com o avanço do debate sobre a preservação do meio ambiente no Brasil, as unidades ganharam objetivos e propostas diferentes e foram divididas em duas categorias: as unidades de **proteção integral**, onde os recursos naturais não podem ser explorados de forma direta, e as unidades de

Unidades de conservação em Minas Gerais

A primeira área protegida estadual de Minas Gerais foi o Parque do Rio Doce, criado em 1944, para proteger remanescentes de mata Atlântica. O Instituto Estadual de Florestas (IEF) é responsável pela administração das unidades de conservação mineiras. No estado, há também Reservas Particulares de Proteção Natural (RPPN), de propriedade e responsabilidade de pessoas, empresas ou organizações particulares, que se comprometeram a zelar pela integridade de suas áreas e a administrá-las.

Proteção Integral (72)

- 11 Estações Ecológicas
- 02 Reservas Biológicas
- 39 Parques Estaduais
- 14 Monumentos Naturais
- 06 Refúgios de Vida Silvestre

Uso Sustentável (222)

- 16 Áreas de Proteção Ambiental
- 02 Florestas Estaduais
- 01 Reserva de Desenvolvimento Sustentável
- 203 Reservas Particulares do Patrimônio Natural

Minas Gerais ainda abriga as Áreas de Proteção Especial, criadas para proteção de mananciais.

conservação de **uso sustentável**, que aliam a presença humana ao uso ambientalmente correto dos recursos naturais.

Hoje, são doze tipos de áreas protegidas, elencadas pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), implantado no ano 2000, e que estabeleceu critérios e normas para a criação, a implantação e a gestão das unidades. Os avanços podem ser vistos nas estatísticas: entre 2003 e 2009, o Brasil foi responsável por 75% da ampliação da área protegida no mundo. Atualmente, o turismo em torno das unidades de conservação gera por volta de R\$ 600 milhões anuais para o país.



Olhares atentos descobrem flores delicadas nas paisagens dos parques

Categorias estaduais de conservação em Minas Gerais



Cachoeira Braz Gomes, na Floresta Estadual de Uaimii

As unidades de conservação (UCs) são áreas naturais delimitadas pelo poder público com o objetivo principal de conservar a biodiversidade. Todas estão ligadas ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação, que estabelece guias e parâmetros para as UCs federais, estaduais e municipais. Elas se dividem em dois grupos: as de **proteção integral**, com restrições de uso e visitação, e as de **uso sustentável**, cuja proposta é aliar conservação da natureza e uso responsável e ambientalmente correto dos recursos.

PROTEÇÃO INTEGRAL

Parques estaduais (PE)

Destinam-se à preservação de áreas naturais com características relevantes nos aspectos ecológico, científico, cultural, educativo, recreativo e de beleza cênica. É proibida a interferência direta e a exploração dos recursos naturais e, por isso, se aceita a visitação pública desde que os fins sejam educacionais ou recreativos e estejam de acordo com o plano de manejo e o regulamento da unidade.

As pesquisas científicas, por sua vez, precisam ser autorizadas e estão sujeitas às restrições e condições determinadas por cada parque.

Estação Ecológica (Esec)

Área destinada à preservação da natureza e à realização de pesquisas científicas. Pode ser visitada apenas com objetivo educacional.

Reserva Biológica (Rebio)

Área destinada à preservação da diversidade biológica, em que não há interferência humana, salvo em casos

de recuperação de ecossistemas. Somente são permitidas as visitas, mediante autorização prévia, com caráter educacional e científico.

Monumento Natural (Monae)

Área destinada à preservação de lugares singulares, raros e de grande beleza cênica. Permite a realização de atividades e cada unidade tem seus critérios de visitação. Esse tipo de unidade de conservação pode se localizar em áreas particulares, desde que seu uso seja compatível com os objetivos da unidade de conservação.

Floresta estadual de Uaimii

Localizada em Ouro Preto, precisamente no distrito de São Bartolomeu, a unidade possui 43,98 km². Ela protege centenas de nascentes que abastecem pequenos afluentes e formam, à frente, o rio das Velhas. A característica física que se destaca em Uaimii é a variação altimétrica. São aproximadamente 900 m de desnível entre o ponto mais alto (1854 m na serra do Batatal) e o mais baixo (950 m no córrego d'Ajuda).



O relevo local apresenta desnível de 900 m entre seus picos

Refúgio da Vida Silvestre (RVS)

Área destinada à proteção de ambientes naturais, cujo objetivo é assegurar condições para a existência ou a reprodução de espécies ou comunidades da flora local e da fauna. Permite visitação e também pode se localizar em áreas particulares.

USO SUSTENTÁVEL

Área de Proteção Ambiental (APA)

Área dotada de atributos naturais, estéticos e culturais importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas.

Geralmente é uma área extensa, com o objetivo de proteger a diversidade biológica, ordenar o processo de ocupação humana e assegurar a sustentabilidade dos recursos naturais. É constituída por terras públicas ou privadas.

Floresta Estadual (Floe)

Área com cobertura florestal onde predominam espécies nativas. O objetivo é o uso sustentável e diversificado dos recursos florestais e a pesquisa científica. É admitida a permanência de populações tradicionais que a habitam desde sua criação. Permite visitação pública.



Construções com materiais locais como barro e palha se integram à paisagem

Área de proteção ambiental Pandeiros

Com 3.930 km², a APA Pandeiros foi criada com o objetivo de proteger e conservar a bacia hidrográfica do rio São Francisco, bem como o rio Pandeiros, áreas alagáveis, lagoas marginais e a flora e fauna circundantes. A predominância é de cerrado. Destacam-se também terras inundáveis que compõem o chamado “pantanal mineiro”, onde se reproduzem 70% dos peixes do rio São Francisco.



Placa, na entrada, convida a um turismo consciente que mantenha a preservação da reserva

Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS)

Área natural onde vivem populações tradicionais que exploram os recursos naturais de maneira sustentável. Permite visitação pública e pesquisa científica.

Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN)

Área privada cujo proprietário tem o objetivo de conservar a diversidade biológica e permite a pesquisa científica e a visitação turística, recreativa e educacional. A gestão da área pode ter apoio de órgãos integrantes do Sistema Nacional de Unidades de Conservação.

RVS Libélulas da Serra de São José

Abrange os municípios de Santa Cruz de Minas, Tiradentes, São João Del Rei, Coronel Xavier Chagas e Prados. Tem 37 km² de área. O refúgio enquadra-se entre as localidades mais ricas do mundo em espécies de libélulas. Estima-se que abriga cerca de 50% de todas as espécies de libélulas conhecidas em Minas Gerais e 18% das encontradas no Brasil. O refúgio compõe-se de um grande paredão rochoso com áreas de vegetação que abrangem formações de mata Atlântica, campos rupestres e cerrado.

Os parques nacionais em solo mineiro

Além do sistema de unidades de conservação estaduais, Minas Gerais têm em seu território áreas de conservação municipais e federais. No âmbito das federais, merecem destaque os parques nacionais, que apresentam áreas extensas, não necessariamente restritas a fronteiras estaduais, e que são administrados

pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Os mais conhecidos são os parques nacionais do Caparaó, Itatiaia, da Serra da Canastra e da Serra do Cipó. Outros quatro estão em fase de consolidação: Cavernas do Peruaçu, Grande Sertão Veredas, Sempre-Vivas e Gandarela.



Caparaó é um dos ícones do montanhismo no Brasil

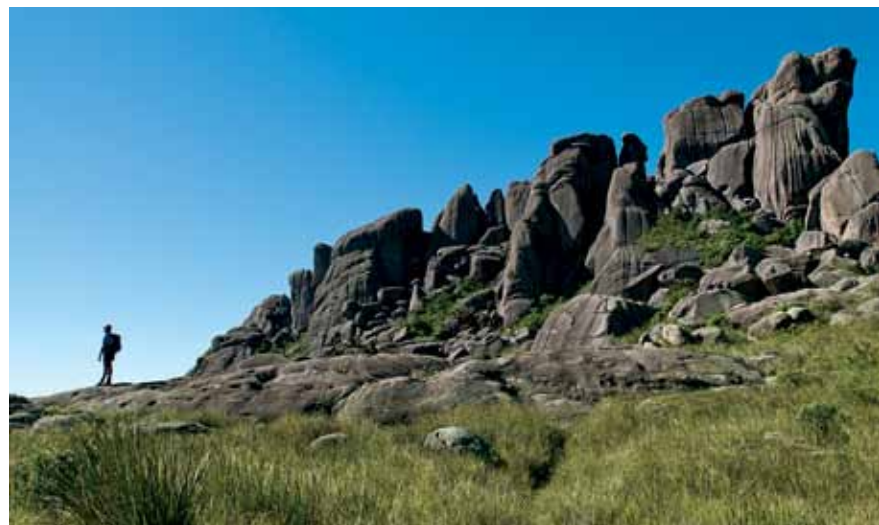
Parque Nacional do Caparaó

Na divisa dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, a unidade abriga o terceiro ponto mais alto do país, o pico da Bandeira, com 2.892 m de altitude, e é um dos ícones do montanhismo no Brasil. O parque possui 340 km² e protege as nascentes de três importantes bacias hidrográficas: a dos rios Itabapoana, Itapemirim e Doce. Tem extensas áreas de campos de altitude. Entre as espécies da flora, destacam-se bromélias, orquídeas, canelas-de-ema e sempre-vivas. Na fauna, podem ser avistados o miquiqui (o maior macaco das Américas), o pequeno esquilo caxinguelê e as pacas.

► Maciço das Prateleiras, no Parque Nacional do Itatiaia

Parque Nacional do Itatiaia

É a primeira unidade de conservação nacional, criada em 1937. Situado na serra da Mantiqueira, o parque, de 300 km², abrange os municípios de Itatiaia e Resende, no Rio de Janeiro, e Bocaina de Minas e Itamonte, em Minas Gerais. O relevo é caracterizado por montanhas e elevações rochosas, com altitudes que variam entre 600 e 2.791 m, que corresponde ao pico das Agulhas Negras. É um dos principais redutos do alpinismo no país. Na região do planalto do Itatiaia encontram-se campos de altitude. O parque abriga nascentes de 12 importantes bacias hidrográficas regionais que deságuam em duas bacias principais: a do rio Grande e a do Paraíba do Sul. Na flora, destacam-se os jequitibás, as quaresmeiras e os cedros. Na fauna, é possível avistar a suçuarana, o miquiqui e a anta.





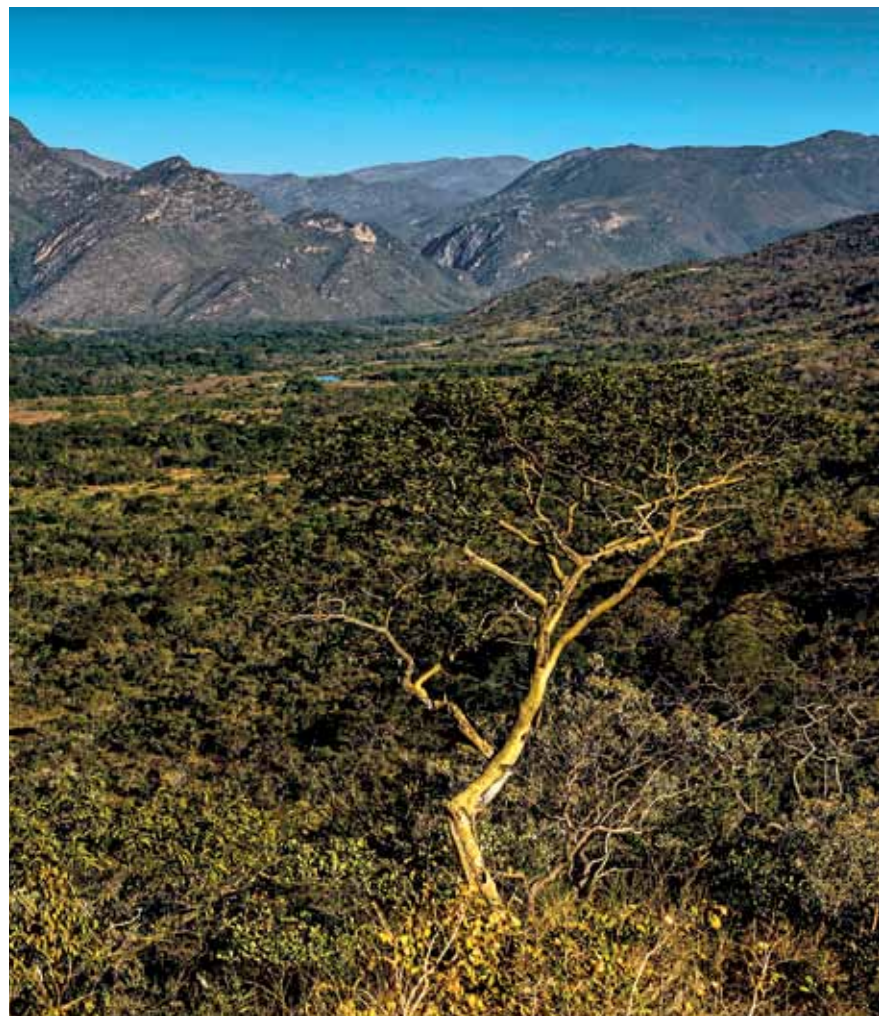
Cachoeira Casca D'Anta no Rio São Francisco

Parque Nacional da Serra da Canastra

Situa-se no sudoeste de Minas Gerais, com 2.000 km² e abriga a nascente do rio São Francisco. A unidade está localizada no divisor natural de águas das bacias dos rios São Francisco e Paraná. A vegetação predominante é típica do cerrado, com manchas que indicam transição para a mata Atlântica. O parque possui também dois sítios arqueológicos com pinturas rupestres. Na flora, destacam-se a canela-de-ema e a arnica-do-campo. Na fauna, lobo-guará, tamanduá-bandeira e cachorro-do-mato. Um dos cenários mais marcantes do parque é a cachoeira Casca d'Anta, que despenca de uma altura de 186 m.

Parque Nacional da Serra do Cipó

A unidade possui 338 km² e abrange os municípios de Jaboticatubas, Santana do Riacho, Morro do Pilar e Itambé do Mato Dentro. A serra do Cipó, inserida na serra do Espinhaço, é formada por quartzitos, rochas calcárias e rochas pontudas que saem do solo. Os campos rupestres predominam acima de 900 m e, entre os destaques da flora, figuram sempre-vivas, bromélias, orquídeas e perpétuas. Na fauna, é possível avistar macacos-guariba, seriemas e onças-pardas. As principais atrações são as cachoeiras, entre elas as da Lagoa Dourada, Congonhas, do Gavião, das Andorinhas e a da Farofa.



Na serra do Cipó, campos rupestres predominam acima de 900 m

Biomass e biodiversidade



O cerrado é o segundo maior bioma da América do Sul

Com seus 586.522,12 km², Minas Gerais é o quarto maior estado brasileiro em extensão territorial. Ele abriga 3 biomas: o cerrado, ocupando 57% da área total do estado, a mata Atlântica, com cerca de 41%, e a Caatinga, com 2%.

Um estudo elaborado pelo Instituto Estadual de Florestas em parceria com a Universidade Federal de Lavras, em 2005, indicou que restava um terço (33,8%) de cobertura vegetal nativa no estado, porcentagem essa dividida pelos biomas: cerrado (19,9%), mata Atlântica (10,4%) e caatinga (3,5%).

CERRADO

Atualmente, o cerrado em Minas Gerais está preservado especialmente nas bacias dos rios São Francisco e Jequitinhonha. Ele se caracteriza pela presença de invernos secos e verões chuvosos, em clima tropical chuvoso. Possui média anual de precipitação da ordem de 1.500 mm, variando de 750 a 2.000 mm. As chuvas são praticamente concentradas de outubro a março e a temperatura média do mês mais frio é próxima de 18°C.

A vegetação remanescente de cerrado se divide em cerrado denso, com árvores que variam de 8 a 15 m de altura; cerrado típico, sujeito a fogo natural anual, com exemplares mais baixos, inclinados, tortuosos, com ramificações irregulares e retorcidas; cerrado ralo, dominado por gramíneas, presentes muitas vezes por causa da interferência humana, e campos baixos ou de altitude.

O cerrado brasileiro é reconhecido como a savana mais rica do mundo em biodiversidade, abrigando pelo menos 11.627 espécies de plantas nativas já catalogadas; cerca de 199 espécies de mamíferos e cerca de 837 espécies de avifauna. Os números de peixes (1.200 espécies), répteis (180 espécies) e anfíbios (150 espécies) também são elevados. Segundo o Ministério do Meio Ambiente, 44% das plantas ali encontradas são endêmicas, isto é, só existem nesse bioma, como buriti, pau-papel e canela-de-ema. O número de espécies em risco, segundo lista oficial do ICMBio, é significativo: 131 animais e 132 plantas.

Por sua importância e pela degradação que enfrenta, o cerrado brasileiro foi nomeado como um *hotspot* do planeta. O conceito

de *hotspot* foi criado pelo ecólogo inglês Norman Myers em 1988 para estabelecer as áreas de maior importância para a preservação da biodiversidade, por concentrar maior número de espécies, estar sob ameaça de degradação, ter perdido mais de três quartos de sua vegetação original e ter ao menos 1.500 espécies endêmicas de plantas.



Sempre-Viva: a planta dá flores que os mineiros usam para ornamentar as casas

O que é bioma

Biodiversidade são todas as formas de vida, incluindo pessoas, animais, plantas e microrganismos. O conjunto dessas comunidades e interações forma os ecossistemas. Esses, por sua vez, configuram paisagens chamadas de biomas: espaços geográficos caracterizados de acordo com seu clima, sua vegetação, seu solo e sua altitude.



MATA ATLÂNTICA

A mata Atlântica mineira está reduzida a poucos fragmentos, localizados principalmente na porção leste do estado, tendo como principal reserva o Parque Estadual do Rio Doce. Sua vegetação é densa e permanentemente verde e há grande índice pluviométrico.

Recordista em biodiversidade, esse bioma se estendia originalmente por mais de 1.300.000 km² em 17 estados brasileiros. Atualmente, restam apenas 8,5% dessa floresta, somando porções acima de 1 km². Mas, mesmo com área reduzida e fragmentada, estima-se que ela abrigue cerca de 20.000 espécies vegetais, ou seja, em torno de 35% de todas as espécies do Brasil e mais do que o apresentado por alguns continentes inteiros. A flora em toda

Europa, por exemplo, reúne cerca de 12.500 espécies.

Na fauna, calcula-se que haja 849 espécies de aves, 370 de anfíbios, 200 de répteis, 270 de mamíferos e por volta de 350 espécies de peixes. As áreas conservadas permitem que o fluxo dos mananciais hídricos mantenha-se regulado, o que favorece o equilíbrio climático local e protege as escarpas e as encostas das serras da erosão.

Parte da mata Atlântica se delimita com campos de altitude ou rupestres. Esses se caracterizam por uma cobertura vegetal de menor porte, com predomínio da vegetação baixa, com escassos arbustos e árvores raras e isoladas. Os campos de altitude são encontrados nos pontos mais elevados das serras da Mantiqueira, do Espinhaço e da Canastra.



A vista da lagoa Dom Helvécio, no Parque Estadual do Rio Doce



Espécies da caatinga resistem bem ao calor e à seca

CAATINGA

Presente no norte do estado, no vale do rio São Francisco, a caatinga se caracteriza pela presença de plantas espinhosas, galhos retorcidos e poucas folhas. O clima, seco e quente, torna os troncos esbranquiçados, o que deu origem ao seu nome, que significa “floresta branca” em tupi-guarani. No período de chuvas, a paisagem se modifica para o verde, com bonitas floradas.

A aridez sugere um semideserto, mas na realidade o ambiente está cheio de vida. Olhos atentos poderão distinguir mamonas, juremas, cajueiros e o simbólico mandacaru, o cacto enaltecido pela cultura popular por resistir às mais fortes secas e servir de alimento

para os animais. Seu fruto tem sabor leve e adocicado. Apesar dos longos períodos de estiagem, esse bioma abriga até mesmo madeiras nobres como a baraúna e o cumaru. Essa árvore também é conhecida por seu fruto, feio por fora, mas cremoso e delicioso por dentro, comparável a um chocolate quando bem maduro. Suas sementes podem ser torradas e consumidas como castanhas.

Boa parte do patrimônio biológico da caatinga não pode ser encontrada em outro lugar do mundo. No entanto, isso não faz com que esteja livre de ameaças. Suas espécies com longa história de adaptação ao calor e à seca têm dificuldade de se reestruturar naturalmente, caso máquinas sejam utilizadas para alterar o solo.



Biodiversidade nos parques mineiros

Flora

Segundo o *Livro Vermelho da Flora do Brasil*, do Centro Nacional de Conservação da Flora (CNCFlora), o Brasil concentra de 11% a 14% da diversidade de plantas do mundo, com quase 44.000 espécies catalogadas e milhares ainda não conhecidas pela ciência. Minas Gerais foi o estado com maior diversidade descrita (11.310) e de espécies avaliadas (2.056). Destas, pelo menos 708 estão em situação de risco ou vulneráveis. Em relação às espécies avaliadas, o grupo das samambaias, das avencas e dos xaxins se mostrou o mais ameaçado, enquanto o de musgos, o menos. O estudo apontou, ainda, que a família das bromélias apresenta o maior número de espécies consideradas criticamente em perigo, seguida da família das orquídeas e da que fazem parte os girassóis e as margaridas.



Barriguda, no Parque Estadual da Mata Seca



Pequenas flores e frutos alimentam inúmeros animais



O ameaçado lobo-guará, avistado no Parque Estadual da Serra das Araras

Fauna

Estudos do ICMBio apontam 627 espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção. Apenas 369 dessas estão presentes em unidades de conservação do território nacional, onde têm mais chances de sobreviver. Nos biomas presentes no estado de Minas Gerais, a avaliação federal diferencia 131 espécies do cerrado sob ameaça em graus diversos; 396 da mata Atlântica e 62 da caatinga. Entre os animais em situações frágeis, estão desde carnívoros, como a onça, lobo-guará e jaguatirica, até o delicado pássaro canelirinho-de-chapéu-preto, os estranhos minhocoçu e aranha-bode e a imponente águia-cinzenta. Minas Gerais tem 243 espécies de mamíferos conhecidas. Atualmente, há riscos de se perderem 40 delas, entre as quais o raro macaco-da-noite e o sagui-da-serra-escuro, registrados na região entre Tombos e Pedra Dourada, pequenas cidades ao leste do estado, definidas por esse motivo como de extrema importância biológica. Além do mais conhecido murequi, o maior primata das Américas, cujo macho pode atingir até 15 kg e que só existe no Brasil.



► Lagarto mimetiza o tronco para capturar presas

Compensação ambiental



A ação do Ministério Público compensa infrações como os desmatamentos ilegais

Em sua atuação, o Ministério Público garante a proteção e a gestão adequada das unidades de conservação. Um dos instrumentos utilizados para este fim é a fixação de medidas compensatórias de caráter ecológico, decorrentes da apuração de danos ambientais.

A compensação ambiental responsabiliza os empreendedores pelos prejuízos causados quando sua atividade econômica repercute negativamente sobre o meio ambiente, um bem de uso comum do povo. Como contrapartida, eles devem apoiar mecanismos que promovem a preservação, como o investimento na criação, manutenção e implantação de unidades de conservação. Um caso concreto de compensação

ambiental, viabilizada pelo Ministério Público de Minas Gerais é o Monumento Natural da Serra da Moeda. Sua criação foi fruto de um acordo judicial para compensar danos causados por atividades de mineração. O acordo contou com a participação do estado de Minas Gerais, já que se trata de unidade de conservação de proteção integral pública.

A unidade foi formalmente criada em 21 de setembro de 2010, com 23,27 km², nos municípios de Moeda e Itabirito. A forma escolhida para proteger esse significativo trecho da Serra da Moeda foi torná-lo um monumento natural, devido a suas paisagens naturais de notável beleza.

Sua área é prioritária para a conservação da biodiversidade

em Minas Gerais, abrigando rico patrimônio espeleológico e diversas espécies da flora e da fauna ameaçadas de extinção. É também fundamental para a recarga de importantes mananciais de abastecimento público para a região metropolitana de Belo Horizonte.

Assim como esse caso, há diversos outros em que a atuação do Ministério Público tem sido de fundamental importância para garantir a criação e efetiva implementação de unidades de conservação, incluindo sua regularização fundiária, estrutura de acesso e visitação, elaboração de planos de manejo, definição e



A lei protege os animais silvestres

proteção de zonas de amortecimento vizinhas e combate a incêndios.

Qualquer cidadão pode procurar auxílio do Ministério Público para defender o meio ambiente, através de suas promotorias de justiça.

A fábrica de dinheiro

A Serra da Moeda se estende por 70 km na Serra do Espinhaço, alcançando as cidades de Moeda, Brumadinho, Nova Lima, Itabirito, Belo Vale e Ouro Preto. Suas formações rochosas protegem muitas nascentes, escondidas nas matas, que abastecem o rio Paraopeba. Seu nome deve-se ao fato de que a região abrigou a primeira fábrica clandestina de dinheiro no Brasil, no século XVIII. Na época, a corte portuguesa deduzia um quinto de todo ouro descoberto na região.



Ruínas do Forte de Brumadinho que protegia a região no século XVIII

Biribiri

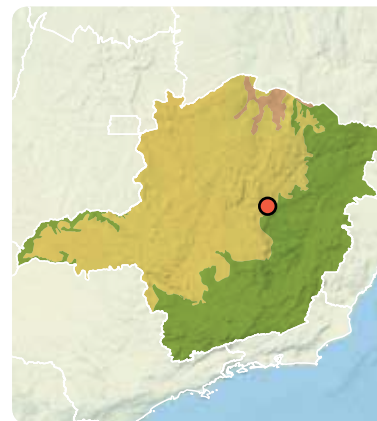
O nome do parque originou-se da fazenda homônima, que abrangia a maior parte de sua área e hoje já não existe. "Biri", no idioma indígena tupi-guarani, significa buraco. O parque está situado na serra do Espinhaço, na bacia do rio Jequitinhonha. Com uma área de 170 km², fica na região sudeste de Diamantina.

A altitude varia de 720 m, na região norte, a 1.480 m, na região sul.

Entre os principais cursos d'água presentes na unidade de

conservação, destacam-se o córrego da Sentinela, formador da Cachoeira da Sentinela; o córrego do Soberbo, formador da Cachoeira dos Cristais; o córrego da Água Limpa, formador do Poço da Água Limpa; o ribeirão das Pedras e o rio Pinheiro; todos afluentes do rio Jequitinhonha.

Geologicamente, a região compreende essencialmente rochas de quartzo que deram origem à grande cordilheira do Espinhaço. O clima da região é tropical, com temperatura média anual em torno



Criação: 22 de setembro de 1998

Área: 170 km²

Distâncias:

Belo Horizonte: 300 km

Diamantina: 2,5 km

Curvelo: 143 km

Montes Claros: 221 km

Fone: (38) 3531-7284

Email: parque.biribiri@meioambiente.mg.gov.br





É possível percorrer de carro as estradas que dão acesso às cachoeiras

de 18°C. Há uma estação chuvosa e outra seca: a primeira tem início em novembro e termina em março, já a estação seca inicia-se em junho e se estende até agosto. Também ocorrem períodos de transição: chuvoso-seco, em abril e maio, e seco-chuvoso, em setembro e outubro. Dezembro costuma ser o mês de maior pluviosidade, e julho, o de menor pluviosidade.

O parque se insere no bioma cerrado. Nele, predominam as formações campestres representadas por campo limpo e campo rupestre. As formações savânicas são representadas pelo cerrado típico, cerrado ralo e algumas áreas com cerrado de campo rupestre.

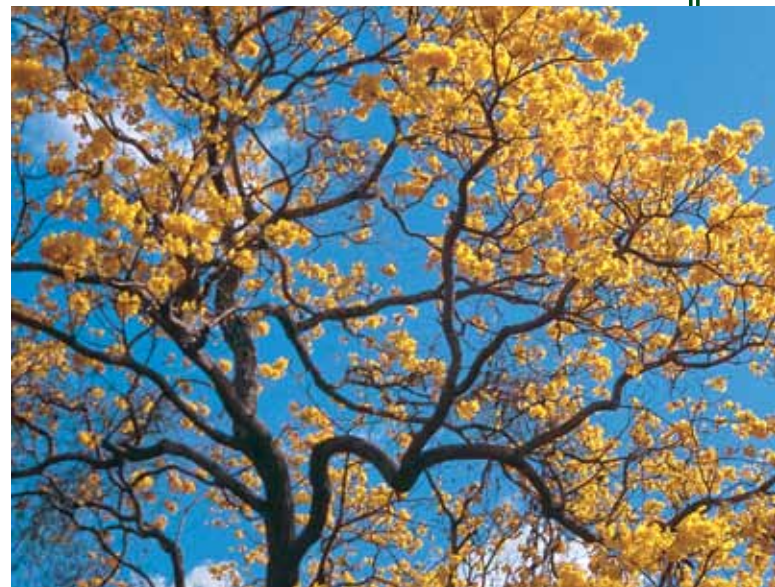
Entre as formações florestais, ocorrem alguns fragmentos de cerrado, ao norte, e áreas com floresta densa, presente nas vertentes de córregos e rios, sempre em associação com formações savânicas.

Entre as diversas espécies da flora encontradas no parque, figuram a canela-de-ema, o pequi, o jacarandá, o pau-santo, a gabiroba, a mangaba e a candeia, além de grande variedade de sempre-vivas, orquídeas e bromélias.

As diferentes espécies vegetais e as condições de relevo, o clima e a hidrografia do parque e de seu entorno determinam variações na estrutura e na composição da fauna.

Ipê-amarelo

Também conhecido como pau d'arco, o ipê-amarelo é encontrado no cerrado e na mata Atlântica e pode chegar a 20 m de altura. Suas flores desabrocham em dias secos e anunciam a proximidade da primavera. Em 1961, o presidente Jânio Quadros declarou sua flor como a que representa melhor o Brasil. Ipê é uma palavra de origem tupi, que significa árvore cascuda. A árvore floresce de agosto a novembro, é fonte de excelente madeira e uma das mais bonitas de nossa flora.



A flor da árvore é considerada um símbolo do Brasil

A variedade de sistemas ecológicos gera miscigenações de diversos biomas e consequente riqueza de biodiversidade.

Entre as várias espécies de animais presentes na unidade de conservação, destacam-se o lobo-guará, a suçuarana, o tamanduá-bandeira, o mocó, a codorna-mineira, o soldadinho e o beija-flor-de-gravata-verde.

HISTÓRIA

Os primeiros habitantes da região de Diamantina foram os povos indígenas do tronco linguístico macro-jê. Depois, no século XVI, chegaram os portugueses, por meio de expedições que subiram o rio Jequitinhonha e o São Francisco. Diamantina foi fundada como



Vista do alto da Cachoeira da Sentinela

Arraial do Tijuco, em 1713, com a construção de uma capela que homenageava o padroeiro Santo Antônio. A localidade teve forte crescimento com o descobrimento de diamantes, em 1729, que seriam explorados pela coroa portuguesa. Em fins do século XVIII, já era a terceira maior povoação da Capitania Geral das Minas, atrás apenas da capital Vila Rica (atual Ouro Preto) e de São João Del Rey.

Nesse período, a cidade ficou famosa também por abrigar Chica da Silva, escrava alforriada que foi esposa do homem mais rico do Brasil Colonial, João Fernandes de Oliveira. A igreja na praça central, datada do início do século XVIII,

serviu de locação para a gravação do filme sobre sua história.

Em 1938, Diamantina comemorou 100 anos de elevação à categoria de cidade e recebeu o título de Patrimônio Histórico Nacional. Em 1999, foi elevada à categoria de Patrimônio da Humanidade pela Organização das Nações Unidas. Hoje, a cidade é um dos destinos da Estrada Real, roteiro cultural e turístico.

No entorno do parque, a Vila de Biribiri teve importante registro da história da indústria têxtil mineira. Lá, funcionou uma das primeiras comunidades fabris do estado, criada em 1876 pelo bispo Dom João Antônio dos Santos.

ATRAÇÕES

Cachoeira dos Cristais (3 h)

Formada por três quedas, tem uma história curiosa: no século XIX, sua forma foi modificada. O curso do rio que dá origem à cachoeira foi desviado por garimpeiros a fim de facilitar o trabalho de extração. Situado a 12 km da portaria do parque, o local pode ser acessado de carro ou por caminhada em uma trilha de cerca de 10 km de extensão. Grau de dificuldade: médio.

Cachoeira da Sentinela (1h15)

A cachoeira possui as águas mais cristalinas do local, formando poços ideais para banho. Seu córrego, ao desaguar, forma pequenas cascatas.

Localizada a 7 km da portaria do parque, pode ser acessada de carro ou por caminhada em uma trilha de 5 km de extensão. Grau de dificuldade: médio.

Caminho dos Escravos (8 h)

Possui aproximadamente 20 km de extensão. Foi construído por escravos no século XVIII e era a principal ligação entre Diamantina e o distrito de Mendanha, passando pelos garimpos situados no entorno do rio Jequitinhonha. Sítio histórico, com ruínas de épocas passadas e sinalização com detalhes culturais e curiosidades da região, permite também a contemplação e banho em cachoeiras. O passeio deve ser agendado previamente e realizado



Caminho dos escravos, antiga ligação entre Diamantina e o distrito de Mendanha

com o apoio de um guia da região. Não há como percorrer o trajeto de carro, somente a pé. Grau de dificuldade: alto.

Poço da Água Limpa

Formado por vários poços rasos de águas límpidas e cristalinas, é muito utilizado pela comunidade local. Ideal para a visita de crianças e famílias. Fica a 1,5 km da portaria do parque.

Poço do Estudante (50 min)

Circundado pela vegetação típica da região, o poço contém águas límpidas e cristalinas. Fica próximo a uma boa área de descanso. Situado a 2,5 km da portaria do parque, pode ser acessado de carro ou por caminhada em trilha de 3,5 km. Grau de dificuldade: fácil.

Trilha das Cachoeiras (4 h)

Com 10 km de extensão, sai da portaria do parque e proporciona o acesso a algumas cachoeiras locais, como a da Sentinela e a dos Cristais. Grau de dificuldade: médio.

ARREDORES

EXTRAÇÃO

Povoado surgido durante a exploração de diamantes. Seu nome remonta ao trabalho da companhia de mineração da Coroa Portuguesa. Todos os anos, no mês de julho, o distrito sedia o Festival Cultural de Curralinho, com oficinas artísticas.

Feira no Mercado Velho

Antigo rancho dos tropeiros, erguido em 1835, foi restaurado em 1997. Toda sexta-feira, a partir das



O parque possui sítios com inscrições rupestres

► Banhar-se nas águas correntes revigora o ânimo durante os passeios







Campos de cerrado formam a paisagem



Exemplar de cacto da região

18h, é realizada a feira de comidas típicas e artesanato. Nas manhãs de sábado, há feira de alimentos e de produtos da região. Em ambas as ocasiões, há música ao vivo. Endereço: praça Barão do Guaiçuí, 170. Entrada gratuita.

Gruta do Salitre

Localizada a aproximadamente 9 km do centro da cidade de Diamantina, a gruta de quartzito, com aspecto de castelo medieval, chama a atenção por seu visual e pela acústica.

VILA DE BIRIBIRI

Importante na história da indústria têxtil mineira, principalmente por ter sido uma das primeiras comunidades fabris do estado. Hoje, a Vila é uma opção de lazer para os diamantinenses e turistas que estão em busca de tranquilidade e belas paisagens bucólicas. Fica a 12 km da portaria do parque, com acesso pela estrada interna, e a apenas 2 km da Cachoeira dos Cristais.

PARA VISITAR

Acesso – Todos os dias, inclusive feriados, das 9h às 18h. A entrada é gratuita.

Contato – Email: parque.biribiri@meioambiente.mg.gov.br. Fone: (38) 3532-6698. Endereço: avenida Geraldo Edson do Nascimento, 600, Diamantina, CEP: 39100-000.

Como chegar – Partindo de Belo

Horizonte, seguir a BR-040 no sentido da cidade de Brasília e, depois, acessar a BR-259 até Curvelo. Daí, será preciso seguir pela BR-367, no sentido Diamantina/Couto de Magalhães de Minas. Ao chegar no trevo de acesso ao bairro Cidade Nova, é preciso seguir pela avenida Geraldo Edson do Nascimento até o número 600, onde está localizada a portaria da unidade.

Infraestrutura – Portaria.

Onde ficar – Diamantina, Mendanha.

DICAS

- Faz frio entre maio e julho, época mais adequada para caminhadas.
- É permitido bicicleta nas estradas de acesso às cachoeiras.
- Os interessados em escaladas devem consultar a administração.

PARA SABER MAIS

<http://www.ief.mg.gov.br/areas-protegidas/200>



A unidade possui muitas áreas para banho, como poços, lagos e cachoeiras

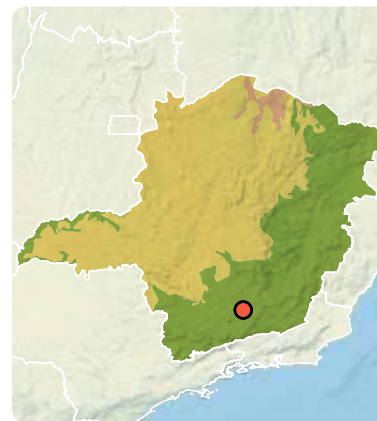
Ibitipoca

Em tupi-guarani, “ibitipoca” significa serra que estoura. O nome remete à grande quantidade de descargas elétricas (raios) que ocorrem na região. Localizado na zona da mata, nos municípios de Lima Duarte e Santa Rita do Ibitipoca, o parque ocupa o alto da serra do Ibitipoca, com 14,88 km² de área, e situa-se na divisa das bacias do rio Grande e do rio Paraíba do Sul. Possui praias, piscinas naturais, picos e cachoeiras e também cavernas de quartzito. Algumas, constam entre

as maiores do Brasil, como a das Bromélias e a do Martiniano.

O clima é tropical de altitude e apresenta temperaturas amenas ao longo do ano, que variam entre 15°C e 18°C. O inverno é seco e frio, mas chove bastante no verão, sobretudo nos meses de outubro a janeiro, quando o ar fica bem úmido.

A serra do Ibitipoca é uma elevação com altitudes entre 1.200 e 1.784 m, onde predominam os campos de altitude. Estes campos ocupam mais da metade da área



Criação: 4 de julho de 1973

Área: 14,88 km²

Distâncias:

Belo Horizonte: 350 km

Juiz de Fora: 95 km

Rio de Janeiro: 260 km

São Paulo: 450 km

Fone: (32) 3281-1101

Email: peibitipoca@meioambiente.mg.gov.br



do parque e são similares aos campos rupestres da serra do Espinhaço, em Minas Gerais e na Bahia, mas a flora, por sua vez, aproxima-se da constituição da floresta Atlântica.

As matas da serra do Ibitipoca ocupam um terço do parque e se distribuem ao longo de vales úmidos e concentradores de matéria orgânica. Elas são compostas de espécies vegetais, entre elas plantas epífitas, ou seja, espécies da flora que se fixam sobre vegetais e rochas, como orquídeas, bromélias e samambaias. Estas plantas conferem identidade paisagística e visual ao parque, assim como as barbas-de-velho, um líquen verde-água que pende dos galhos das árvores.

A fauna conta com espécies de anfíbios, répteis, aves e mamíferos. Há animais endêmicos, entre eles

espécies de sapo e serpentes raras, como a cobrinha cipó. O parque também abriga espécies como gavião-pega-macaco e o bacurau-tesoura-gigante. Outros animais que se destacam são o lobo-guará e a onça-parda.

HISTÓRIA

Estima-se que os primeiros habitantes tenham sido os índios aracis, dizimados com a chegada dos mineradores, no final do século XVII. Foi a partir desta atividade que se desenvolveu o lugarejo de Conceição de Ibitipoca; na época, ele chegou a ser um dos mais importantes de Minas Gerais.

A igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição de Ibitipoca, construída por volta de 1700, é um marco na história do distrito.



Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, em Lima Duarte

◀ Rochas de quartzito dão à região uma das maiores incidências de raios no planeta

Minúscula que assusta



O frágil anfíbio tem um coachar que imita o latido de um cachorro

A *Bokermannohyla ibitipoca*, conhecida como perereca de Ibitipoca, foi descoberta no parque e corre risco de extinção. Ela tem 4 cm de comprimento, coloração marrom escura, manchas irregulares amareladas, pescoço acinzentado e barriga esbranquiçada. Vive em áreas florestais próximas a córregos e é encontrada também no solo ou em galhos baixos. Na época de acasalamento, emite um coachar parecido com o latido de um cachorro e se reproduz em ambiente aquático, com a postura dos ovos em ninhos construídos na lama.

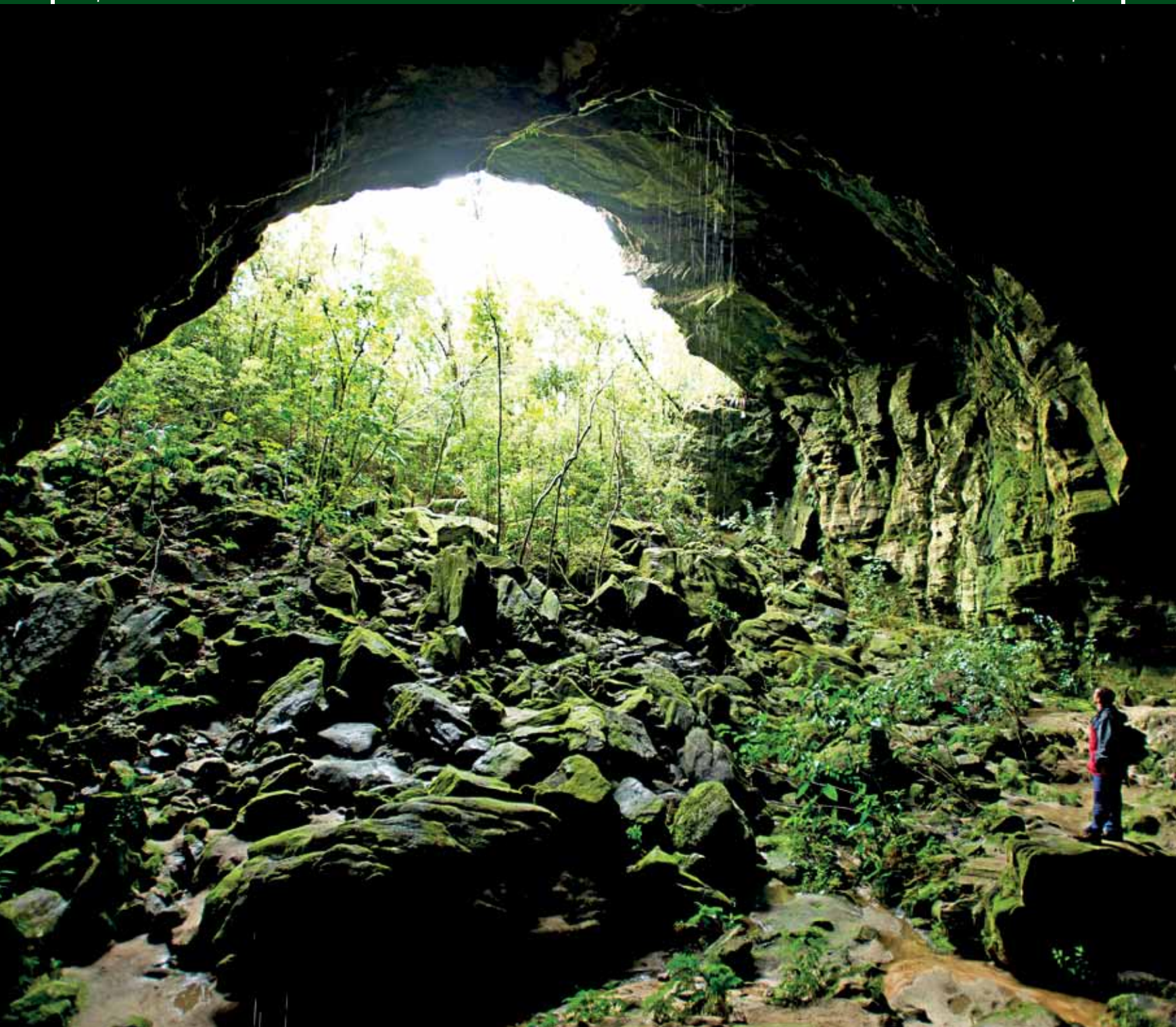
O lugarejo viveu dias de glória durante o ciclo do ouro, mas, quando a mineração acabou, sobreveio a estagnação econômica. A população passou a viver da agricultura, atividade pouco rentável por causa da má qualidade do solo para a produção convencional.

Mesmo sem o ouro, Ibitipoca continuou recebendo visitas ilustres, sobretudo de pesquisadores. Em 1822, o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire esteve na região e elogiou seus belos campos.

As grutas de Ibitipoca também serviram de abrigo para índios e viajantes que percorreram Minas

Gerais em diferentes épocas – a Gruta dos Viajantes é uma delas. Já na Gruta do Fugitivo foram encontradas ruínas de um antigo refúgio de escravos. Acredita-se que algumas cavernas tenham sido utilizadas por negros fugitivos dos engenhos de açúcar da região.

No século XX, atividades como a pecuária e a retirada de madeira ganharam terreno, trazendo prejuízos ambientais para a região. A criação do parque estadual, em 1973, foi uma medida essencial para reverter o processo, preservar a fauna e a flora e explorar o potencial turístico do entorno.





Pôr do sol em Ibitipoca

ATRAÇÕES

O parque é dividido em quatro circuitos: Circuito das Águas, Circuito Janela do Céu, Circuito do Pião e Circuito da Parte Alta das Águas.

CIRCUITO DAS ÁGUAS (4h)

Possui 5 km de extensão. O acesso é fácil e há mirantes durante o passeio para contemplação da paisagem. No percurso, grutas, lagos e pontes. Grau de dificuldade: entre médio e baixo.

Gruta dos Coelho

Está localizada em um paredão sombreado por mata densa, com muitas samambaias. Sua formação é quartzítica e apresenta declínio acentuado em seu interior.



Visitante desfruta da paisagem do alto do Cruzeiro, no circuito Janela do Céu

Lago das Miragens

Formado pelo Rio do Salto, mede 15 m de largura por 20 m de comprimento. A profundidade varia entre 2 e 3 m. As águas são vermelhas, resultado da decomposição das folhas.

Na margem esquerda, avista-se um paredão de quartzito de grande beleza cênica.

Prainha

Pequena praia nas margens do Rio do Salto. Local de fácil acesso, bastante procurado.

CIRCUITO DO PIÃO (4h)

Possui 9 km de extensão. Circuito longo, com muitas subidas. Grau de dificuldade: médio.

Gruta do Pião

Tem 150 m de extensão e abriga vários riachos subterrâneos e túneis. No entorno, vegetação de mata úmida, com árvores de pequeno porte e bromélias.

Gruta dos Viajantes

Possui 300 m de extensão. Após a entrada, há um grande salão iluminado pela luz solar, com rochas de formas inusitadas.

Pico do Pião

Encontra-se a 1.720 m e ali ficam as ruínas da antiga Capela Senhor Bom Jesus da Serra. Visto de longe, assemelha-se a um pião com a ponta virada para cima.

CIRCUITO JANELA DO CÉU (6h)

Possui 16 km de extensão. Grau de dificuldade: alto.

Cachoeirinha

Formada pelo segundo desnível do Rio Vermelho. A queda d'água tem 35 m e ganha um aspecto de chuveiro por causa do vento.

Janela do Céu

Abertura em forma de pequeno arco sobre o leito do rio Vermelho, que deságua numa queda e proporciona a visão do céu, dos vales e morros.

Pico da Lombada

Ponto mais elevado do parque, com 1.784 m. Dali, tem-se uma visão de 360° que abrange o Pico do Pião, vilas e cidades do entorno e a serra da Mantiqueira.



Saí azul fêmea

CIRCUITO DA PARTE ALTA DAS ÁGUAS (3 h)

Possui 7,5 km de extensão, não sinalizados. Grau de dificuldade: médio. Apesar do acesso fácil, a visita só pode ser feita na companhia de um guia ambiental, pois o circuito ainda não possui sinalização e intervenções necessárias, como pontes e escadas.

Cachoeira do Degrau

Formada por uma série de pequenas corredeiras. Ideal para visitantes que preferem atrativos mais tranquilos, com menos pessoas.

Cachoeira Encantada

A queda tem 3 m de altura e 7 m de largura e assemelha-se às cortinas de um cinema quando abrem. Ela pode ser apreciada a partir de uma pequena área para descanso na base.

Cachoeira da Pedra Furada

Possui 13 m de altura e 8 m de largura. Cercada por vegetação densa, a descida é íngreme até a base. O poço, propício para banho, apresenta 4 m de profundidade.

Campari

Pequena queda formada por um afluente do rio do Salto, num cânion estreito e com pouca incidência do sol. Em frente, há uma pequena praia.

Dois Lagos

Possui dois poços rasos, pequenas quedas d'água e curta faixa de areia.

ARREDORES

Roteiro Região dos Campos

Passa pelas seguintes atrações: Corte Fundo, Povoado de Souza do Rio Grande, Cachoeira do Cedro, Rio



As trilhas convidam a caminhadas tranquilas, nas quais se notam detalhes da fauna e flora local, como bromélias que se alimentam de nutrientes retidos entre suas folhas





Janela do Céu, um dos principais atrativos, faz quem nada ali se sentir solto no ar

Grande, Reserva Privada Pedreiras do Souza, Pedra que Equilibra, Monte do Cristo, no antigo Ramal Ferroviário. Informações no Centro Turístico de Lima Duarte: (32) 3281-1195.

Roteiro Serras de Lima Duarte e Cachoeira do Arco-Íris

Quedas d'água com mais de 50 m, grutas, paredões e mirantes. O percurso inclui as Cachoeiras do Arco-íris 1 e 2, Cachoeira da Garganta, Cachoeira do Y, Gruta da Lagoa, Cachoeira do Pilão, Grutas do Dunísio e Arraial de Monte Verde. Informações no Centro Turístico de Lima Duarte: (32) 3281-1195.

Roteiro Vila dos Moreiras

Tem início em Conceição de Ibitipoca, a 12 km da Vila dos Moreiras. O roteiro oferece caminhada, passeios em grutas ou no Pico da Água Santa. Comercializado pela Agência Ibitipoca Trilhas e Aventuras.

Informações pelo e-mail: eduardo.ibitipoca@gmail.com

Travessia Ibitipoca 360°

Roteiro de trilhas no entorno do parque. Pode ser feito a pé, a cavalo, de bicicleta, de moto ou de jipe. Nele, é possível avistar a rica fauna e flora local, assim como formações rochosas. Para mais informações: www.ibitipoca.tur.br.

PARA VISITAR

Acesso – Todos os dias, das 7h às 18h. Às segundas-feiras, o parque só funciona quando é feriado. Entrada: durante a semana R\$10, e aos finais de semana e feriados, R\$20. Estudante com identificação e maiores de 60 anos pagam meia-entrada. Não há transporte coletivo para o parque. Há kombis. Visitas para pesquisa podem ser acompanhadas pelos guardas do parque. Estacionamento pago.

Contato – Email: peibitipoca@meioambiente.mg.gov.br. Fone: (32) 3281-1101. Endereço: Parque Estadual do Ibitipoca, Caixa Postal 17, Lima Duarte, Minas Gerais, CEP: 30140-000.

Como chegar – Seguir em direção a Juiz de Fora pela BR-040 e entrar no trevo de acesso à BR-267, prosseguindo em direção a Lima Duarte. Para chegar ao distrito de Conceição de Ibitipoca, é necessário percorrer 27 km de estrada de chão e, depois, 4 km até a portaria do parque.

Infraestrutura – Casa de hóspedes, portaria 24h, área para camping com capacidade para 24 barracas (limite de três pessoas por barraca), lavanderia, centro de visitantes, auditório com capacidade para 50 pessoas, trilhas sinalizadas, vestiários masculino e feminino, churrasqueiras, restaurante,

lanchonete, centro de apoio à pesquisa, alojamento para pesquisadores, biblioteca, loja de souvenirs, estacionamento.

Onde ficar – Conceição de Ibitipoca.

DICAS

- No inverno, a temperatura pode chegar a 0° C e no verão a 36°. Leve traje apropriado.
- Guias podem ser contratados na comunidade de Conceição de Ibitipoca (www.ibitipoca.tur.br).

➤ Aconselha-se o uso de lanterna nas grutas e evitar visitá-las solitariamente.

PARA SABER MAIS

www.ibitipoca.tur.br

www.redeibitipoca.com



Cachoeira das Tirinhas